

WILLIAM BLAKE

O casamento do
céu e do inferno
& outros escritos



L&PM POCKET

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

WILLIAM BLAKE

O casamento do céu e do inferno

e outros escritos

Seleção, tradução e apresentação de
ALBERTO MARSICANO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Apresentação

*O aprimoramento endireita os caminhos, mas as
sendas rudes e tortuosas são as do Gênio.*

William Blake

*Nas retroantes flamas
No fulcro das veias
Eclodem as transmissões*

Alberto Marsicano

William Blake nasceu em Londres, a 28 de novembro de 1757, filho de um comerciante. Seu pai, adepto do visionário Swedenborg, poupou-o da pedagogia oficial, incentivando a seguir seu próprio caminho e desenvolver seus dotes artísticos.

As primeiras manifestações de vidência surgiram no futuro poeta aos quatro anos, quando vislumbrou a face de Deus na janela e deu um grito. Mais tarde, ao passear pelos campos de Peckam, encontrou uma árvore repleta de anjos de asas iridescentes, e num descampado avistou Ezequiel calmamente sentado. Ao relatar estes fatos à mãe, acabou por levar uma surra.

Alheio às escolas leu Swedenborg, Jacob Boheme, Paracelso e livros de ocultismo, enquanto caminhava pelos campos e riachos de Bayswater e Surrey.

Resolveu tornar-se um pintor, mas os altos custos desta arte fizeram-no optar pela técnica da gravura.

Seu pai então levou-o ao atelier de Rylands, um dos mais renomados artistas da época, porém, ao fitar-lhe atentamente, Blake segredou ao pai: “Não gosto da cara deste homem, tem todo o jeito de quem vai morrer na forca”. E doze anos depois cumpriu-se a sua profecia.

Passa a ler Spencer, os Elizabetanos, Locke, Bacon e Winckelmann. Frequenta o estúdio de Basire, onde inicia-se na arte da gravura.

Aos vinte e um anos, mestre em sua arte, começa a viver como gravurista. Conhece Catherine Boucher, com quem se casa a 18 de agosto de 1782.

Em 1784, associa-se a James Parker e abre um atelier de impressão.

Imprimia seus livros como fazia suas gravuras. Os textos vinham sempre acompanhados de ilustrações e o autor fazia questão de diferenciar uma cópia da outra, tornando cada uma um exemplar único.

Do *Livro de Urizen*, existem seis reproduções que, embora possuindo o mesmo texto, diferem quanto à coloração e ilustrações.

Independente dos preconceituosos editores de sua época, gravava e imprimia livremente seu trabalho,

através de minucioso domínio técnico da arte da gravura, da qual foi um revolucionário.

Em 1787, desenvolve um método totalmente novo de prensagem que, além de outras inovações, permitia utilizar todos os matizes de cor possíveis. Este insólito processo, denominado “Impressão iluminada”, foi realizado inspirado numa visão do espectro de seu falecido irmão Robert, que revelou-lhe então o bizarro engenho.

Em 1800, deixa Londres e parte para Felpham, no condado de Sussex, onde passa a residir num *cottage*. Lá desenvolve o poema “Milton” e inicia uma série de gravuras encomendadas por William Hayley, com quem acabará por se incompatibilizar.

A Inglaterra entra em guerra com a França, e uma onda de patriotismo varre o país. O poeta envolve-se numa discussão com um soldado e é levado à corte sob a acusação de agressão e de proferir injúrias, sendo absolvido em 1804.

Após este desagradável incidente, retorna a Londres, onde decide entregar-se totalmente à arte, pois pensa ter aprendido com Hayley a maneira de enriquecer às custas do próprio trabalho. Porém, logo desilude-se e enfrenta uma de suas maiores crises financeiras.

A pedido do gravurista Gromek, ilustra *The Grave*, que, sob seus protestos, será gravado por Schiavonetti.

Por uma mísera quantia, o desonesto Gromek adquire os desenhos do poeta, feitos especialmente para os *Canterbury Tales*, de Chaucer, e os descreve (ou provavelmente os mostra) a Stothard, que criará suas gravuras inspirado nestas informações.

Os *Canterbury Tales*, de Stothard, são expostos com grande sucesso de público e crítica. Gromek então envia uma carta insultuosa a Blake.

A 19 de maio de 1809, o poeta expõe seus *Canterbury Tales* originais. Mostra que recebe um discreto número de pessoas e torna-se alvo de uma terrível crítica do periódico *The Examiner*.

Blake, sentindo-se desprezado e injustiçado, continua a escrever “Jerusalém” e modifica o título do poema “Vala” para “Os Quatro Zoas”.

Em 1812, exhibe seus trabalhos na Associação dos Aquarelistas e, entre graves problemas financeiros, sobrevive graças às ilustrações que faz para o catálogo das porcelanas Wedgwood.

O poema “Jerusalém”, finalizado em 1812, é muito bem recebido nos meios culturais e, cercado pelos amigos e jovens artistas admiradores de sua obra, passa seus últimos anos, morrendo em 1827, quando iniciava a impressão de seu “Dante”.

Sobre a tradução

Certa vez, sentado à beira do Tâmis entre o espesso *fog* da madrugada londrina, um vulto cambaleante acercou-se de mim, entregou-me um livro e desapareceu por entre a bruma. Eram as *Obras completas de William Blake*. Mal sabia nesse mágico momento que no futuro verteria para o português os escritos do grande vate inglês.

Esta tradução, cujos poemas foram cuidadosamente revistos pelo especialista e virtuoso John Milton, caracteriza-se antes de tudo pela extrema fidelidade e alta definição do significado poético, revelando o profundo sentido profético & filosófico que imanta os escritos de William Blake.

Alberto Marsicano

O CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO

(1790)

Escrito em 1790, *O casamento do céu e do inferno* é uma das obras centrais para a compreensão da obra do poeta. William Blake era vidente &, como Swedenborg, vislumbrava diretamente o mundo espiritual. Seu conhecimento não advém de preceitos ou codificações religiosas, mas da observação direta. Desta relação imantada advém o poder & o inquebrantável magnetismo avassalador de seus escritos. O profundo saber que Blake nos infunde através de seus poemas iluminados & pinturas surge de suas espantosas visões e conversas com Anjos & Demônios. Em *O casamento do céu e do inferno*, William Blake, com suas visões de iniciado druida (sua obra é sem sombra de dúvida vinculada à tradição céltica), descodifica & denuncia o engano das concepções religiosas correntes, que, em seu redutor sistema binário, insistem em opor Céu & Inferno.

A. M.

O Argumento

Rintrah ruge & vibra suas flamas no ar carregado;
Nuvens vorazes pairam sobre as profundezas.

Uma vez submetido e na senda perigosa,
O homem justo manteve seu curso através
Do vale da morte.
Há rosas onde crescem espinhos,
E na charneca estéril
Cantam as abelhas.

Foi então plantada a senda perigosa,
Um rio e um manancial
Sobre cada penhasco e tumba,
E sobre os ossos branqueados
A argila rubra emergiu;

Até que o vil deixou o suave caminho,
Para trilhar sendas perigosas e impeliu
O justo até as estéreis paragens.

Agora, a furtiva serpente desliza
Na dócil humildade
E o justo enfurece nos desertos

Onde vagam os leões.

Rintrah ruge & vibra suas flamas no ar carregado;
Nuvens vorazes pairam sobre as profundezas.

Trinta e três anos após o surgimento do novo céu, o Eterno Inferno ressurgiu. Mas veja! Swedenborg é o anjo sentado sobre a cripta: Seus escritos são as vestes de linho dobradas. É chegado o domínio de Edom & o retorno de Adão ao Paraíso. Ver Isaías capítulos XXXIV e XXXV.

Sem Contrários não há evolução. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência Humana.

Destes contrários nasce aquilo que o religioso denomina Bem & Mal. O Bem é o passivo que obedece a Razão. O Mal é o ativo que surge da Energia.

Bem é Céu. Mal é Inferno.

A Voz do Demônio

Todas as Bíblias ou códigos sagrados têm sido a causa dos seguintes erros:

1. Que o Homem possui dois princípios reais de existência: um Corpo & uma Alma.
2. Que a energia, denominada Mal, provém unicamente do Corpo; E a razão, denominada Bem, deriva tão somente da Alma.
3. Que Deus atormentará o Homem pela Eternidade por haver imantado suas Energias.

Mas, por outro lado, são verdadeiros os seguintes Contrários:

1. O Homem não tem um Corpo distinto da Alma, pois aquilo que denominamos Corpo não passa de uma parte de Alma discernida pelos cinco sentidos, seus principais umbrais nestes tempos.
2. Energia é a única força vital e emana do Corpo. A Razão é a fronteira ou o perímetro circunfeérico da Energia.
3. Energia é Eterna Delícia.

Aqueles que reprimem o desejo podem fazê-lo quando este é fraco e passível de ser refreado; e quem o reprime, ou Razão, usurpa seu lugar & governa os relutantes.

Uma vez reprimido, ele se torna cada vez mais passivo até não ser mais que mera sombra do desejo.

Esta história se encontra escrita no Paraíso Perdido & o Governador ou Razão chama-se Messias.

E o Arcanjo Primeiro, mentor das hordas celestiais, se chama Demônio ou Satã. Seus filhos chamam-se Pecado & Morte.

Mas no Livro de Jó, o Messias de Milton é denominado Satã.

Pois esta história tem sido adotada por ambos os lados.

Na verdade, a Razão acabou achando que o Desejo fora expulso. Mas a versão do Diabo pontifica que o Messias caiu e engendrou um Paraíso com o que roubou do Abismo.

Isto é revelado no Evangelho, onde ele roga ao Pai que envie o Consolador ou Desejo, de forma com que a Razão tenha Ideias nas quais se fundamentar. O Jeová Bíblico não é senão aquele que habita o fogo flamejante.

Sabeis que após sua morte, Cristo tornou-se Jeová. Mas em Milton, o Pai é o Destino, o Filho é o Racionalismo dos cinco sentidos & o Espírito Santo é o Vazio!

Uma Visão Memorável

Enquanto errante cruzava as flamas do Inferno, deliciando-me com as volúpias do Gênio, que aos anjos transfiguram-se como Tormento e Loucura, recolhi alguns dos seus Provérbios, considerando que, assim como as máximas de um povo exprimem o seu verdadeiro caráter, então os Provérbios do Inferno indicariam decerto a Sabedoria dos Vértices Abissais melhor do que qualquer outra descrição de Edificações ou Vestes.

Ao voltar ao lar, sobre o abismo dos cinco sentidos onde um precipício de escorregadias escarpas franze seu cenho a este mundo atual, vislumbrei um poderoso Demônio em negras nuvens envolto pairando sobre os flancos dos penhascos, e com fogos corroentes gravava a seguinte frase, agora captada pelas mentes dos homens, e por eles à Terra revelada:

“Como sabeis que cada Pássaro que irrompe a ventania não abarca um imenso universo de delícias, imerso em vossos cinco sentidos?”

Provérbios do Inferno

No tempo de semear, aprende; na colheita, ensina, e no inverno, goza.

Conduz teu carro e teu arado sobre os ossos dos mortos.

O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria.

A Prudência é uma velha solteirona, rica e feia, cortejada pela Incapacidade.

Aquele que deseja e não age engendra a peste.

O verme perdoa o arado que o parte.

Imerge nas correntes o que delicia-se com as águas.

O tolo não vê a mesma árvore que o sábio.

A Eternidade vive enamorada dos frutos do tempo.

A abelha laboriosa não tem tempo para pesares.

As horas da tolice são medidas por ponteiros, mas as da sabedoria, não há relógio que as meça.

Todo alimento saudável se colhe sem redes ou ardis.

Muni-vos de números, pesos & medidas em ano de estio.

Nenhum pássaro perfura as alturas se o faz com suas próprias asas.

Um morto não revida injúrias.

Se o louco persistisse em sua loucura, tornar-se-ia sábio.

Tolice, manto da sordidez.

Vergonha, manto do orgulho.

As masmorras são erguidas com as pedras da Lei; os bordéis, com os tijolos da Religião.

A altivez do pavão é a glória de Deus.

A lascívia do bode é a dádiva de Deus.

A fúria do leão é a sabedoria de Deus.

A nudez da mulher é a obra de Deus.

O excesso de pranto ri. O excesso de riso chora.

O rugir dos leões, o uivo dos lobos, a fúria do mar revoltado e a espada devastadora são porções de eternidade demasiado grandes para olho humano.

A raposa culpa a armadilha, jamais a si mesma.

O gozo fecunda. A tristeza dá a luz.

Vista o homem a pele do leão. E a mulher, o velo do carneiro.

A ave, um ninho; a aranha, uma teia; o homem, a amizade.

O tolo sorridente e egoísta e o tolo sisudo e obstinado serão ambos tidos como sábios para servirem de azougue.

O que hoje é evidência foi outrora imaginação.

O rato, o camundongo, a raposa e o coelho espreitam as raízes; o leão, o tigre, o cavalo e o elefante espreitam os frutos.

A cisterna contém, a fonte transborda.

Um pensamento abarca a imensidão.

Estejas sempre pronto a dar tua opinião, e os vis te evitarão.

Tudo o que é passível de crença é uma imagem da verdade.

Nunca a águia perdeu tanto tempo, como quando quis aprender com o corvo.

A raposa a si mesma supre, mas Deus supre o leão.

Meditai pela manhã, agi ao meio-dia, comi ao entardecer, dormi à noite.

Quem sofreu o teu domínio te conhece.

Os tigres da ira sabem mais que os cavalos da instrução.

Espere veneno da água estagnada.

Jamais saberás o que é bastante, se não souberes o que é mais que bastante.

Escuta as críticas dos imbecis. É um nobre elogio.

Os olhos, de fogo; as narinas, de ar; a boca, de água; e a barba, de terra.

O fraco em coragem é forte em astúcia.

A macieira jamais indaga à faia como crescer, nem o leão ao cavalo como agarrar sua presa.

Seríamos tolos, se outros já não o fossem.

A alma imersa em delícias jamais será maculada.

Ergue a cabeça ao avistares uma águia. Estarás vendo uma porção do Gênio.

Assim como a lagarta escolhe as melhores folhas para depositar seus ovos, o sacerdote arroja suas maldições sobre as mais sublimes alegrias.

Fazer uma pequena flor é um trabalho de eras.

Maldição revigora. Bênção relaxa.

O melhor vinho é o mais velho; a melhor água, a mais nova.

Como o ar ao pássaro, e o mar ao peixe, o desprezo ao desprezível.

Quisera o corvo que tudo fosse negro. E puro alvor a coruja.

Exuberância é beleza.

Se o leão seguisse os conselhos da raposa, seria astuto.

O aprimoramento endireita os caminhos, mas as
sendas rudes e tortuosas são as do Gênio.

Quem não irradia luz jamais será uma estrela.

Como o arado segue seu comando, Deus
recompensa o rezador.

Teu ato mais sublime é colocar outro em sua frente.

Precis não aram, louvores não colhem.

Cabeça, o Sublime; Coração, o Pathos; Genitais, a Beleza; Mãos & Pés, a Proporção.

Alegrias não riem. Tristezas não choram.

Antes que nutra desejos irrealizáveis, é melhor matar a criança no berço.

Quem grato recebe, abundante colheita obtém.

Onde não está o homem, é estéril a natureza.

A verdade jamais pode ser proferida de modo que seja compreendida e não acreditada.

Suficiente! Ou Demais.

Os poetas da Antiguidade animaram todos os objetos sensíveis com Deuses ou Gênios, nomeando-os e adornando-os com as propriedades dos bosques, lagos, cidades, nações e tudo o que seus dilatados sentidos podiam perceber.

Particularmente, estudaram o Gênio de cada cidade & país, colocando-o sob a égide de sua deidade mental.

Até que se formou um sistema, do qual alguns se aproveitaram e escravizaram o vulgo, interpretando e abstraindo as deidades mentais de seus respectivos objetos. Então surgiu o Clero;

Elegendo formas de culto dos mitos poéticos.

E proclamando, por fim, que assim haviam ordenado os Deuses.

Os homens então esqueceram que Todas as deidades residem em seus corações.

Uma Visão Memorável

Os profetas Isaías e Ezequiel jantavam comigo. Perguntei-lhes como se atreviam a afirmar que Deus falava com eles; e se não achavam que isto os tornava incompreendidos & passíveis de perseguição.

Isaías respondeu: “Jamais pude ver ou ouvir Deus dentro de uma percepção orgânica e finita; Meus sentidos descobriram o infinito em cada coisa, e como desde então estivesse convicto & recebesse o sinal que a voz da indignação sincera é a voz de Deus, alheio às consequências escrevi.”

Então perguntei: – “A firme convicção de que uma coisa é, assim pode torná-la?”

Ele respondeu: – “Todos os poetas têm a certeza disto & em épocas de imaginação esta fé inquebrantável moveu montanhas. No entanto, poucos conseguem ter essa firme convicção de qualquer coisa.”

Ezequiel retrucou: “A filosofia do Oriente ensinou os princípios básicos da percepção humana. Algumas nações adotaram um princípio para a origem. Outras criaram versões distintas para explicá-la. Nós, de Israel, ensinamos que o Gênio Poético (como agora o denominam) foi o princípio básico e os demais não passam de meras derivações. Esta é a razão de nosso

desprezo pelos Filósofos & Sacerdotes de outros países. Profetizamos, e disto não resta dúvida, que todos os Deuses são originários do nosso & tributários do Gênio Poético. Foi precisamente isto que nosso grande poeta, o Rei Davi, desejava mais fervorosamente & evocou de forma tão enternecedora, exprimindo que é assim que triunfa-se sobre os inimigos e governa-se os reinos. Tanto amamos nosso Deus que em seu nome desdenhamos todas as deidades das nações vizinhas, afirmando que elas haviam se rebelado: Daí advém que o vulgo acabasse por acreditar que todas as nações seriam submetidas pelos judeus.”

“Isto” disse ele, “como todas as firmes convicções, está prestes a se realizar já que todas as nações acreditam no código judaico e veneram o Deus dos judeus. Que maior sujeição poderia haver?”

Ouvi assombrado & não pude deixar de confessar minha própria convicção. Terminado o jantar, pedi a Isaías que regalasse o mundo revelando suas obras perdidas. Ele respondeu que nenhuma obra de valor se perdera. Das suas obras, Ezequiel afirmou o mesmo.

Também perguntei a Isaías o que levava-lhe a vagar desnudo por três anos. Ele respondeu: – “O mesmo que impeliu nosso amigo Diógenes o Grego.”

Perguntei então a Ezequiel por que deglutira esterco & permanecera por tanto tempo deitado de lado direito & esquerdo. Ele respondeu: – “Para elevar os homens à

percepção do infinito. As tribos norte-americanas também utilizam esta prática & poder-se-ia dizer honesto aquele que, resistindo a seu gênio ou consciência, os troca pelo bem-estar e a satisfação imediata?”

A antiga crença de que o mundo será consumido pelo fogo ao cabo de seis mil anos é real, como revelaram-me nas profundezas do Inferno.

Pois foi ordenado ao Querubim com a espada de fogo que abandonasse a guarda da Árvore da Vida e quando isso ocorrer, toda criação será consumida e vislumbrar-se-á infinita e purificada, pois agora apresenta-se finita & corrompida.

E isto ocorrerá mediante a sofisticação do prazer sensual.

Mas antes de tudo, a noção de que o homem tem um corpo distinto de sua alma será abolida. Isto conseguirei através do método infernal, cujos ácidos corrosivos, que no Inferno são saudáveis & terapêuticos, ao dissolver as superfícies visíveis, revelam o Infinito antes oculto.

Se as portas da percepção se desvelassem, cada coisa apareceria ao homem como é, infinita.

Pois o homem se enclausurou a tal ponto que apenas consegue enxergar através das estreitas frestas de sua gruta.

Uma Visão Memorável

Estava numa Casa de Impressão no Inferno & vi o método pelo qual o conhecimento é transmitido geração pós geração.

Na primeira câmara havia um Homem-Dragão que varria o entulho da boca de uma caverna. Inúmeros Dragões escavavam seu interior.

Nas segunda câmara havia uma Víbora enroscada na rocha & na caverna. Outras adornavam-na com ouro, prata e pedras preciosas.

Na terceira câmara uma Águia de asas e plumas eóleas tornava infinito o interior da caverna. Em torno havia vários Homens-Águia que edificavam palácios nos enormes penhascos.

Na quarta câmara Leões de flamas ardentes rondavam furiosos e fundiam metais até torná-los fluidos vivos.

Na quinta câmara, formas sem Nome arrojavam os metais ao espaço.

Lá eram recebidos pelos Homens da sexta câmara. Tomavam a forma de livros & dispunham-se em bibliotecas.

Os Gigantes que deram existência sensível a este mundo e agora parecem viver a ele acorrentados são na verdade causa de sua vida e fonte de toda atividade; mas os grilhões são a astúcia das mentes fracas e subjugadas que têm poder suficiente para resistir à energia. Diz o provérbio: O fraco em coragem é forte em astúcia.

Assim, o Prolífico é uma porção de ser; outra é o Devorador. O Devorador pensa ver o Prolífico acorrentado, mas isto não ocorre; apenas toma porções de existência iludindo-se que são o todo.

Entretanto, o Prolífico deixaria de ser Prolífico somente se o Devorador como um mar recebesse o excesso de seu gozo.

Alguns poderiam dizer; não seria Deus o único Prolífico? Respondo: Deus apenas Age & É nos seres existentes ou Homens.

Essas duas classes de homens sempre encontraram-se na terra e serão inimigos; quem tenta reconciliá-los busca a aniquilação da existência.

A Religião é uma tentativa de reconciliá-los.

Nota: Jesus Cristo não quis uni-los, mas separá-los, como na parábola dos carneiros e dos bodes! Ele disse: “Não vim para trazer a Paz mas a Espada”

Messias ou Satã ou o Tentador foi primeiramente considerado como um dos antidiluvianos que constituem nossas Energias.

Uma Visão Memorável

Um Anjo veio a mim e disse: “Ó jovem tolo, digno de pena! Ó Desprezível! Seu estado é lastimável! Refletes na masmorra de fogos ardentes que tu mesmo erguestes na eternidade, para qual diretamente caminhas.”

Respondi-lhe: “Talvez estejas disposto a mostrar minha eterna morada & juntos a contemplaremos e veremos qual é a mais aprazível, a minha ou a tua”.

Então ele conduziu-me por um estábulo & uma igreja e descemos à sua cripta que dava para um moinho. Passamos por ele e chegamos a uma caverna. Através de um intrincado caminho, penetramos suas escuras e tortuosas entranhas, até que um vão sem limites, algo como um céu abissal, surgiu a nossos pés & segurando pelas raízes das árvores pairamos sobre a imensidão. Disse: “Caso te apeteças, mergulharemos neste vazio e assim veremos se aqui também se encontra a Providência. Caso não quiseses eu o farei.” Ele retrucou: “Não te atrevas; Ó jovem! Enquanto aqui permanecemos, contempla tua eterna morada que logo verás ao dissiparem-se as trevas”.

Assim fiquei junto a ele sentado nas raízes de um grande carvalho. O Anjo ficava suspenso num cogumelo cujo gigantesco chapéu pendia voltado às profundezas.

Pouco a pouco contemplamos o Abismo infinito, ardente como a fumaça de uma cidade em chamas; Abaixo de nós, vislumbrava-se a longa distância o sol, negro mas brilhante. A seu redor, imensas aranhas se arrastavam por caminhos flamejantes na direção de suas presas que voavam, ou mais precisamente, nadavam nas infindas profundezas com formas bizarras de animais nascidos da corrupção & o ar estava repleto deles; & dos quais parecia ser composto. São eles os Demônios chamados Poderes do ar. Perguntei a meu amigo qual seria minha eterna morada e ele seco respondeu: “Entre aranhas brancas & negras”.

Mas neste momento, entre as aranhas brancas & negras, nuvem e fogo eclodiram e rodopiaram através das profundezas, obscurecendo tudo que se via abaixo, de forma que o inferno tornou-se tão negro como o mar & agitou-se com terrível estrondo. Abaixo nada se notava a não ser uma negra tormenta; Olhamos para o leste onde vislumbramos, entre nuvens e ondas, uma catarata de fogo & sangue. Não muito longe, divisamos as escamas de uma serpente monstruosa que emergiu e de novo afundou. Por fim ao Leste, a uns três graus de distância, surgiu uma crosta flamejante sobre as ondas, erguendo-se lentamente como um grande recife de rochas douradas. Entrevemos dois globos de fogo carmesins que o mar expelia em colunas de fumaça. Percebemos então que tratava-se da cabeça de Leviatã.

Sua fronte rajava-se em listras verdes & púrpuras como a fronte do tigre. Neste instante pudemos vislumbrar sua boca & suas rubras guelras, que, suspensas sobre a furiosa espuma, tingiam as negras profundezas com raios de sangue, e avançava sobre nós com todo o ímpeto de uma existência espiritual.

Meu amigo, o Anjo, ascendeu de seu lugar até o moinho. Fiquei só. A visão desvaneceu, encontrando-me agora sentado nas aprazíveis margens de um riacho ao clarão da lua. Escutava o som encantador de um harpista, que tangendo as cordas cantava: “O homem que jamais muda sua opinião é como água estagnada & engendra os répteis da mente”.

Alcei voo e saí em busca do moinho & ali reencontrei meu Anjo que surpreso perguntou-me como escapara.

Respondi: “Tudo que vislumbramos deve-se à tua metafísica pois quando partistes encontrei-me na margem de um rio ao clarão da lua ouvindo um harpista. Mas agora que já vislumbramos minha eterna morada, poderia eu contemplar a sua?” Ele riu ante minha proposta, mas subitamente envolvi-o em meus braços & voamos através da noite ao Oeste, até ascendermos sobre a sombra da terra. Com ele lancei-me direto ao corpo do sol onde vesti-me de branco & empunhando as obras de Swedenborg, abandonei essa região gloriosa. Deixando para trás os outros planetas, cheguei a

Saturno. Ali repousei & deste lugar lancei-me ao vazio entre Saturno & as estrelas fixas.

“Eis o lugar”, exclamei; “neste espaço – se assim o podemos chamar”. Em seguida vimos novamente o estábulo & a igreja. Levei-o até o altar e abri-lhe a Bíblia. Mas veja! Era um poço profundo e descemos. O Anjo caminhava a minha frente e logo encontramos sete casas de tijolos. Entramos numa delas: Havia inúmeros macacos, babuínos & de todas as espécies, acorrentados pela cintura e com faces contorcidas, agarravam-se uns aos outros, tolhidos por seus curtos grilhões. Parecia que, em certos momentos, tornavam-se mais numerosos e os mais fortes pegavam os mais fracos para depois devorá-los. Arrancavam um membro após outro até restar apenas um miserável tronco que após arreganharem os dentes e darem-lhe alguns beijos de aparente afeto, era também devorado. Vi até um deles degustando a carne da própria cauda. O cheiro era insuportável. Retornamos ao moinho & levava em minha mão a estrutura de um corpo que ali tornou-se a Analítica de Aristóteles.

Então o Anjo falou: “Impuseste-me tua fantasia, deverias envergonhar-te”.

Respondi-lhe: “Impusemo-nos um ao outro & é perda de tempo discutir contigo pois teus trabalhos não passam de Analíticos”.

Oposição é verdadeira Amizade.

Sempre achei que os Anjos têm a veleidade de falar de si próprios como se fossem os únicos sábios; Fazem-no com aquela arrogante insolência que surge do raciocínio sistemático.

Do mesmo modo, Swedenborg orgulha-se de que tudo que escreve é novo, mas na verdade, suas obras não passam de um Índice ou Sumário de livros já publicados.

Um homem levava consigo um macaco & porque sabia um pouco mais que ele, sua presunção chegou a tal ponto que acabou por julgar-se mais sábio que sete homens. Algo similar ocorre com Swedenborg; Aponta a tolice das Igrejas & desmascara os hipócritas, até imaginar que todos os religiosos o são & apenas ele na terra possui o poder de desarticular essa rede.

Mas notem um argumento cabal: Swedenborg jamais escreveu uma nova verdade. Rescreveu apenas velhas falsidades.

E qual seria a razão disto? Ele conversava com Anjos, que são todos religiosos, & jamais com Demônios – que

detestam a religião – pois seu preconceito o impediu.

Desta maneira, podemos encarar suas obras como meras recopilações de opiniões superficiais e uma análise apurada do sublime – nada além disso.

Aqui aponto outro forte argumento: Qualquer pessoa habilidosa poderá, a partir das obras de Paracelso ou Jacob Boheme, escrever mil volumes de valor idêntico aos de Swedenborg. E a partir das de Dante ou Shakespeare, um número infinito deles.

Mas quando o fizer, espero que não atreva-se a dizer que sabe mais que seu mestre, pois estará apenas empunhando uma vela sob o sol.

Uma Visão Memorável

Certa vez vislumbrei um Demônio numa flama de fogo que, alçando-se ante um Anjo sentado numa nuvem, proferiu as seguintes palavras:

“O culto de Deus consiste em honrar seus dons nos outros homens, cada um segundo seu gênio e amar com mais intensidade os homens poderosos: Aqueles que invejam ou caluniam os poderosos têm ódio de Deus; Pois não há outro Deus senão eles.”

O Anjo, ao ouvir estas palavras, ficou quase azul. Depois, contendo-se, tornou-se amarelo e finalmente róseo & branco. Então disse-lhe sorrindo:

“Idólatra! Acaso Deus não é uno? & Não é ele visível em Jesus Cristo? E Jesus Cristo não teria sancionado as leis dos dez mandamentos? E não seriam os demais homens tolos, pecadores & nulidades?”

O Demônio retrucou: “Moas um tolo num moinho com trigo e mesmo assim a tolice dele não separar-se-á. Se Jesus é o maior dos homens, deverias amá-lo com a maior veneração. Agora, ouve de que forma ele sancionou os dez mandamentos: Não teria ele zombado do Sabbath, do Sabbath de Deus? Não teria ele matado aqueles que por ele morreram? Não teria ele ficado alheio à lei da mulher adúltera? Não teria ele roubado o

labor alheio para sustentar-se? Não teria ele dado falso testemunho ao recusar defender-se ante Pilatos? Não teria ele cobiçado ao orar por seus discípulos e quando pediu-lhes que sacudissem o pó de seus pés ante os que lhes recusavam abrigo? Por isso afirmo: Não existe virtude possível que não possa romper as leis desses dez mandamentos. Jesus era totalmente virtuoso mas agia por impulsos e não por regras.

Ao terminar seu discurso, contemplei o Anjo que estendia seus braços, abraçando a flama de fogo & assim foi consumido e se alçou como Elias.

Nota: Este Anjo tornado agora Demônio é meu amigo do peito. Frequentemente, lemos juntos a Bíblia em seu sentido infernal ou diabólico, que o mundo há de ter, se trilhar o caminho correto.

Também possuo A Bíblia do Inferno, que o mundo terá quer queira, quer não.

A mesma lei para o Boi & o Leão é Opressão.

Uma canção de liberdade

1. A Eterna Fêmea gemeu! Foi ouvida por toda a Terra.
2. A costa de Albion está doente e silente;
Desfalecem os prados americanos.
3. As sombras da Profecia estremecem ao longo dos lagos e rios, murmurando pelo oceano; França arrasa tua masmorra!
4. Espanha dourada, derruba as barreiras da velha Roma!
5. Arroja tuas chaves, Ó Roma, para que precipitem-se ao abismo, mesmo que sucumbam para Eternidade.
6. E chora.
7. Ela lamentando, tomou o terror recém-nascido em suas trêmulas mãos.
8. Naquelas infinitas montanhas de luz, cercadas agora pelo Oceano Atlântico, o fogo recém-

nascido ergueu-se diante o Rei estrelar!

9. Envolvidas pelas neves gris dos cumes e rostos tonitruantes, as asas enciumadas tremularam sobre o abismo.

10. A mão em forma de lança flamejou no ar, solto estava o escudo; Em frente seguiu a mão do ciúme entre a cabeleira flamejante, arrojando a maravilha recém-nascida na noite constelada.

11. O fogo, o fogo precipita-se!

12. Alerta! Alerta! Oh cidadão de Londres, ilumina teu semblante! Oh judeu, para de contar o ouro! Retorna a teu azeite e vinho. Oh Africano! Negro Africano (Vai alado pensamento, amplie tua frente.)

13. Os ígneos membros, a flamejante cabeleira arrojaram-se qual o sol poente no mar ocidental.

14. Desperto de seu eterno sono, o ancestral elemento retroante escapou.

15. Precipitou-se batendo em vão as asas, o rei ciumento; seus conselheiros de graves semblantes, tonitruantes guerreiros, veteranos recurvados, entre

elmos, escudos e carruagens, cavalos, elefantes,
estandartes, castelos, fundas e pedras.

16. Caindo, precipitando-se, arruinado! Em ruínas
sepultos, nos refúgios de Urtona;

17. Toda noite entre as ruínas; então, suas lúgubres
flamas esmaecidas emergem em torno ao taciturno rei.

18. Com trovão e fogo, conduzindo suas hostes
estrelares pelo devastado deserto, ele promulga seus dez
mandamentos, erguendo suas pálpebras brilhantes sobre
o abismo em profunda e soturna consternação.

19. Onde o filho do fogo em sua nuvem oriental,
enquanto a manhã orna com plumas seu dourado peito,

20. Desdenhando as nuvens inscritas com
maldições, grafa a pétrea lei no solo, libertando os
eternos cavalos dos refúgios da noite, gritando:

O império caiu! E agora terão fim o leão & o lobo!

CORO

Que os Sacerdotes do Corvo da aurora, não mais em
negro mortal, maldigam com sua rouca voz os filhos da
alegria. Nem que seus aceitos irmãos – a quem,
enquanto tirano, denomina livres – fixem parâmetros ou
construam telhados. Ou que a pálida luxúria religiosa
chame aquela virgindade que deseja mas não age!

Pois tudo que vive é Sagrado!

O LIVRO DE URIZEN

(1794)

Urizen simboliza o profundo engano que, segundo Blake, reside essencialmente no dualismo, na completa incompreensão da eterna unidade dos contrários.

Este desconhecimento manifesta-se principalmente no desgarramento humano das forças vitais e na separação estabelecida entre o homem e o cosmos.

O *Livro de Urizen* descreve este antagonismo fundamental, surgido entre Urizen e os Eternos, que representam o fluxo universal, as forças cósmicas da natureza.

Provavelmente, a palavra Urizen deriva de “Our Reason” (Nossa Razão) ou do termo grego “orizeu”, que significa limitado. Urizen simboliza o pensamento racionalista que, com seus encadeamentos lógicos, “Enclausura o Firmamento” e através de sua lúgubre “Rede da Religião” atrofiará os sentidos da humanidade.

Blake, Cicerone do Abismo e dos Vértices Siderais, nos conduz aos errantes Firmamentos da Poesia & da Vidência, recuperando os amplos Espaços que se estendem através dos Portais da Percepção, pois a arte,

como profetizou Antonin Artaud, “não é a reflexão da vida, mas a vida é a reflexão de um princípio transcendente com o qual a arte nos volta a pôr em contato”. A linguagem poderosa e abissal de *O Livro de Urizen* influenciaria de forma marcante o “Vênus Anadiómena” de Arthur Rimbaud, outro grande poeta-vidente.

A.M.

Prelúdio

Do poder assumido pelo primordial Sacerdote
Quando os Eternos denegriram sua religião
Relegando-lhe um lugar ao norte,
Obscuro, sombrio, ermo e solitário.

Eternos! Alegre escuto vosso chamado
Dizei palavras de velozes asas & não temeis
Revelar vossas sombrias visões de tormento.

Capítulo I

1. Olhe! Voraz a treva irrompe

Terrível sobre a Eternidade!

Estranha, estéril, escura & execrável;

Que Demônio teria engendrado este ermo,

Este vácuo que arrepiava as almas?

Alguns responderam:

“É Urizen”, arredio e retirado,

Secretamente tramando o tenebroso poder.

2. Os tempos dividiu & mensurou

Espaço por espaço em suas sombrias trevas,

Oculto e invisível; surgiram as mutações

Qual montanhas furiosamente fustigadas

Pelas negras rajadas da perturbação.

3. Pois lutara em sangrentas batalhas,

Sinistros conflitos com formas

Surgidas de seu desolado deserto

De animal, ave, peixe, serpente & elemento,

Combustão, explosão, vapor e nuvem.

4. Sombrio, rodopiava em silente labor:

Oculto nos tormentos das paixões;

Uma ação desconhecida e assustadora,
Uma sombra que se autocontempla
Empenhada num feérico esforço.

5. Os Eternos vislumbraram suas vastas florestas;
Era após era permaneceu só e desconhecido,
Meditando cativo do abismo; Todos evitam
O caos pétreo e infindável.

6. E o Sinistro Urizen, em silêncio
Seus pérfidos horrores engendrou.
Seus dez milhões de trovões
Disseminam-se em assustadoras formações
Através do tenebroso mundo & o ruído das rodas
Como furiosos mares ressoa nas nuvens,
Nas alvas colinas e nas montanhas
De granizo & gelo: Vozes de terror
reverberam tal trovões de outono.
Enquanto as nuvens se inflamam sobre a ceifa.

Capítulo II

1. A terra não existia nem as esferas de atração.

A vontade do criador expandiu

Ou contraiu seus elásticos sentidos.

Não havia morte; emanava a vida eterna.

2. O troar da trombeta despertou os céus

E as vastas nuvens de sangue rondaram

Os sombrios penhascos de Urizen. O assim chamado

Aquele eremita na Imensidão.

3. Estride o som da trombeta; & miríades da Eternidade

Engendram-se ao redor dos desolados desertos

Repletos de nuvens, trevas & torrentes

Que turvas turbulentas escorrem & declamam

Palavras que como trovões retroam

Sobre os cimos das altas cordilheiras.

4. Das profundezas da sombria solidão,

Eterna morada de minha beatitude,

Retirado em austeras meditações,

reservadas para os dias vindouros,

Procurei o júbilo indolor,

O sólido não flutuante.

Por que pereceis, Ó Eternos!

Por que viveis entre as inextinguíveis flamas?

5. Primeiro lutei com o fogo. Consumia
Minhas entranhas num mundo insondável
Imenso vazio, escuro, extenso & profundo
Onde nada se encontrava: Útero da Natureza;
No prumo, estendia-me ereto sobre o ermo
Solitário e impiedoso imobilizava os ventos;
Inclementes; Os condensando em torrentes,
Eles se precipitavam. Impiedoso rechacei
As grandes ondas e erigi sobre as águas
A pétrea obstrução de um vasto Universo.

6. Solitário, aqui registro em livros de metal
Os segredos da sabedoria,
Os segredos da velada contemplação.
E os combates em terríveis conflitos
Contra os monstros gerados pelo pecado,
Que residem no peito de todos,
Os sete pecados capitais mortais da alma.

7. Olhe! Desvelo minha treva e sobre
Esta pedra deposito firmemente o Livro
De eterno bronze escrito em minha solidão:

8. “Leis de paz, afeto e unidade,

Piedade, compaixão e perdão.
Deixai que cada qual escolha sua morada,
Seu palácio infinito e ancestral,
Só uma ordem, um júbilo, um desejo
Uma maldição, um peso, uma medida,
Um Rei, um Deus e uma Lei.”

Capítulo III

1. Emudeceu a voz; seu lívido rosto surgiu
Emergindo das trevas, e sua mão
Sobre a rocha da eternidade abriu
O Livro de Bronze; A ira apoderou-se dos fortes.

2. Ira, fúria, intensa indignação;
Em cataratas de fogo, sangue & fel,
Turbilhões de brumas sulfurosas,
Entre colossais formas de energia,
Os sete pecados surgiram como seres vivos
Entre as flamas da eterna fúria.

3. Tremia, Trovejava, Escurecia!
Estilhaçada entre terríveis estrondos,
A Eternidade fragmentava-se em grandes flocos,
As montanhas por todos os lados
Despencavam, despencavam,
Deixando para trás ruínas, fragmentos de vida
Rochedos arredios e circundados
Por um Oceano de um vazio insondável.

4. Retroantes flamas cruzavam os céus
Em redemoinhos & cataratas de sangue

Abatendo-se através do vazio,
Sobre os sombrios ermos de Urizen,
E fulminando feericamente suas hordas.

5. Mas estes fogos não refulgiam e só havia trevas
Nas flamas da Eterna fúria.

6. Na cruel angústia e rodeado pelas flamas
Corria em direção às rochas, tomado de cólera
Para ocultar-se, mas em vão:
Ergueu montanhas & colinas com intenso vigor
E num incessante labor as amontoou,
Torturado, gritava numa indizível loucura
Através das eras entre flamas horripilantes;
Até que grisalho e vencido pelos anos
Tombou desesperado entre as sombras da morte.

7. Uma gigantesca abóbada engendrou,
Pétrea e esférica como um útero
Onde milhares de rios em veias
Escorriam pelas colinas a amainar
As eternas flamas que fustigam
Os Eternos; E como um negro globo
Espreitado pelos filhos da Eternidade
Nas costas de um infindável oceano,
Palpitante e agitado como um coração,

Eclociu o imenso mundo de Urizen.

8. E Los, rondando a sombria esfera de Urizen,
Resguardou aquilo que os Eternos mais confinaram:
A escura separação;
Pois a Eternidade permanecia desgarrada
Assim como as estrelas estão desgarradas da terra.

9. Em prantos Los bradou ao negro Demônio
Maldizendo sua sina; pois em meio à agonia
Urizen foi arrebatado de seu eterno trono,
Tendo como apoio um insondável vazio,
E os intensos fogos como morada.

10. Mas Urizen jazia num pétreo sono
Caótico, deslocado da Eternidade.

11. Os Eternos então gritaram: “O que é isto? Morte.”
“Urizen não passa de um torrão de barro.”

12. E Los, imerso num estático estupor,
Gemia rangendo os dentes,
para que a ferida cicatrizasse.

13. Mas a ferida de Urizen não cicatrizou.
Gélido, informe, argila ou carne,
Sofrendo horríveis transformações

Jazia numa noite sem sonhos.

14. Até que Los aterrorizado reatou os fogos
Ante a morte informe e imensurável.

Capítulo IV

1. Los, assombrado,
Surpreendia-se com o estalar dos ossos
2. E com a onda sulfurosa
Rebelde, Imortal, louca furiosa,
3. Que em turbilhões de salitre e breu
Seus feéricos membros rondava.
4. Teceu redes, armou ardis,
As arrojou em seu redor.
5. Observou trêmulo de pavor
As sinistras mutações
Imobilizando cada transformação
Com crivos de ferro e latão;
6. E estas foram as metamorfoses de Urizen.

Capítulo IV. a

1. Eras e eras e eras se passaram
Sobre seu pétreo sono,
Como um caos obscuro e mutável,
Estraçalhado por terremotos, vomitando [ardentes
flamas:

Eras e eras se passaram entre terríveis
Tormentos; a seu redor em redemoinhos
De trevas, uivava o Eterno Profeta,
Martelando tenazmente seus férreos crivos,
Derramando suores de ferro; repartia
A noite horrível em vigílias.

2. E Urizen (Este é o seu eterno nome)
Mais e mais velou o seu prolífico deleite,
Num escuro segredo, Ocultando suas fantasias
Nos sulfurosos vapores.

O Eterno Profeta então inflou seus negros foles
E trabalhando com tenazes e martelos
Forjou novas & novas cadeias,
Numerando com elos as Horas, Dias & Anos.

3. Cativo, o espírito Eterno engendrou
Redemoinhos incessantes de ira,

E a espuma sulfurosa, espessa e escura
Condensou-se num lago claro & cristalino,
Alvo como as neves dos gélidos cimos.

4. Esquecimento, Necessidade, Silêncio!
Encarcerados nas masmorras do espírito,
Contraindo-se como correntes de ferro,
Caóticos e desgarrados da Eternidade.
Los tentou romper os grilhões
E aquecendo suas forjas escorreu
Suores de ferro & latão.

5. Incansável, fremia o imortal prisioneiro,
Esvaindo-se em dores lancinantes,
Quando uma cúpula selvagem e áspera
Conteve a fonte de seu pensamento.

6. Num sono insondável, repleto de pesadelos,
Qual cadeia infernal,
Retorcia-se uma gigantesca Coluna Dorsal,
Arrojando aos ventos as costelas
Dolorosas como côncavas cavernas;
Seus ossos então gélidos enrijeceram-se
Encobrimdo os nervos do prazer.
E assim se passou a primeira Era,
E o sombrio estado de infortúnio.

7. Das grutas de sua Coluna

Precipitou-se apavorado, caindo ao fundo
De um globo purpúreo e incandescente,
No vertiginoso Abismo;
Esférico, Trêmulo & Palpitante,
Expelindo dez milhares de fibras
Ao redor de sua compacta ossatura.
E assim se passou a segunda Era,
E o sombrio estado de infortúnio.

8. Tomado pelo pavor, atormentado,

Seu cérebro irritado arrojou fibras
Que envolveram as fibras de seu coração,
E no interior das minúsculas cavidades;
Ocultos cuidadosamente dos ventos,
Seus Olhos contemplaram os abismos.
E assim se passou a terceira Era,
E o sombrio estado de infortúnio.

9. Começaram os tormentos da esperança.

Lutavam arduamente contra as dores,
Duas Orelhas de cerradas volutas,
E sob as suas órbitas da visão,
Em espiral abriam-se, petrificando-se
ao crescer. E assim se passou a quarta Era,
E o sombrio estado de infortúnio.

10. Abatidas pelos terríveis males;
Duas narinas inclinaram-se às profundezas
Suspensas na brisa
E assim se passou a quinta Era,
E o sombrio estado de infortúnio.

11. Padecendo a terrível moléstia,
Escavava-se no fulcro de suas costelas,
Uma Gruta esférica & Ávida
De onde erguia-se o canal de sua Garganta,
E qual purpúrea flama, uma língua
sedenta e faminta projetava-se.
E assim se passou a sexta Era,
E o sombrio estado de infortúnio.

12. Colérico & sufocado entre tormentos,
Arrojou ao norte seu Braço direito,
E ao sul o esquerdo,
Imerso em intensa angústia,
Seus Pés sulcaram os Vértices Abissais,
Uivantes, Trepidantes & Aterradores.
E assim se passou a sétima Era,
E o sombrio estado de infortúnio.

Capítulo V

1. Aterrorizado, Los abandonou sua Grande Obra:

O imenso martelo despencou de sua mão.

E contemplando vacilante suas flamas

Ocultou seus vigorosos membros

Nos véus de breu da fumaça;

Pois entre estrondos estranhos & estrepitosos,

Com bruscos movimentos, gritos & silvos,

suportou o Imortal suas correntes,

Embora prisioneiro de um mortífero sono.

2. Todas as miríades da Eternidade,

Toda a sabedoria & gozo da vida,

Agitaram-se como um Oceano ao seu redor,

A não ser o que as mirradas órbitas

De seus olhos aos poucos desvelavam.

3. E então sua vida eterna

Esvaiu-se como um sonho.

4. Estremecido, o Eterno Profeta desferiu

Um violento golpe de norte a sul.

Seus foles e martelos cessaram,

E sua profética voz emudeceu.

Um silêncio sem nervos & um tenebroso vazio
Envolveram a Urizen & o Eterno Profeta.

5. Eras e eras se passaram, e eles foram
Negados à vida & à luz, congelados.
Los consentiu que extinguissem seus fogos;
Olhou para trás com ansioso ardor
Mas o Espaço, indivisível pela Existência,
Invadiu de horror sua alma.

6. Los chorava oculto na sombria dor,
E tremendo o peito com a força de seu pranto;
Vislumbrou Urizen negro como a morte,
Cativo em suas correntes, & a Piedade surgiu,

7. Dividindo-se em angústia,
Pois a piedade fragmenta a alma
Torturada por toda a eternidade.
A vida transcorria em cataratas pelos penhascos.
O vazio contraiu a linfa em pulsações
Deslizando através da amplidão do seio da noite.
Suspendeu enfim uma esfera de sangue
Que trêmula vibrava sobre o abismo.
Assim o Eterno Profeta foi despedaçado
Ante a imagem de Urizen morto.
Pois entre nuvens & trevas,
Numa fria noite invernal,

O abismo de Los se estendia imenso.
Velando e desvelando-se ante os olhos
Dos Imortais, as visões surgiram da separação
Como lentes que descobrem os Mundos
No Abismo Abissal do Espaço.
Então os Imortais contemplaram
Os terríveis vislumbres de Los
E o globo de vida & sangue.

8. Vibrou a esfera de vida e sangue,
Ramificando-se em raízes,
Que fibrosas retorciam-se aos ventos,
Fibras de sangue, leite & lágrimas,
Dolorosas através dos tempos.
Por fim, em lágrimas e pranto encarnada,
Uma forma feminina trêmula e pálida,
Ondas antes de sua funérea face.

9. Toda Eternidade estremeceu ao ver
A primeira fêmea, agora separada;
Lívida como uma nuvem de neve
Pairando ante os olhos de Los.

10. Espanto, medo, estupefação & surpresa,
Petrificaram as miríades da Eternidade
Ante a primeira forma feminina, agora separada.

Denominaram-na Piedade e se foram.

11. “Estendei em torno deles uma Tenda de espessas
[cortinas,
E que as cordas e estacas se fixem no Vazio,
Para que os Eternos nunca mais possam vê-los.”

12. Começaram então a tecer cortinas de trevas,
Imensas colunas ergueram ao redor do Abismo
Ganchos de ouro foram cravados nas pilastras
E num feérico labor os Eternos
Engendraram uma trama e a chamaram Ciência.

Capítulo VI

1. Los viu a Fêmea & compadeceu-se;
Abraçou-a; mas chorando, ela o rejeitou;
Com perverso e cruel deleite
Fugiu de seus braços, mas ele foi buscá-la.

2. A Eternidade estremeceu ao ver
O Homem gerando a semelhança
De sua própria imagem dividida.

3. O tempo passou: os Eternos
Começavam a erguer a tenda
Quando Enitharmon febril
Sentiu um Verme em sua Entranha

4. Ainda inerte jazia a Larva,
Nos seus trêmulos fulcros
Destinada a espantosa mutação.

5. Por todo dia se alojou no seu corpo;
Por toda noite em sua entranha
Até transformar-se numa serpente,
Que entre venenos & silvos,

Enrolava-se aos rins de Enitharmon.

6. Enroscada na entranha de Enitharmon

Cresceu a serpente expelindo escamas;

Com dores agudas os silvos se iniciaram

Dando lugar a gritos arrepiantes:

Muitas dores & agonia,

Inúmeras formas de peixe, pássaro & fera

Engendraram um feto que embrionado

Ocupava o lugar onde estivera o verme.

7. Os Eternos ergueram a tenda

Inquietos ante as sombrias visões,

Quando Enitharmon gemendo,

A um Menino deu a luz.

8. Um grito agudo abalou a Eternidade,

Subitamente paralisada ao ver,

O nascimento do espectro Humano:

9. Escavando a terra, irresistível,

Uivante, o Menino entre as flamas cruéis,

Emergiu da entranha de Enitharmon.

10. Os Eternos selaram a tenda;

Soltaram as cordas & derrubaram as estacas

Para que sua obra fosse eternizada.

Jamais Los contemplaria a Eternidade.

11. Tomou o menino nos braços;
Banhou-o nas correntes da mágoa,
E o entregou a Enitharmon.

Capítulo VII

1. A Criança recebeu o nome de Orc, e cresceu
Nutrida pelo leite de Enitharmon.

2. Enitharmon a despertou. Ó tristeza & dor!
Uma tira apertada a enlaçou e cresceu
Circundando seu peito. Sôfrega,
Conseguiu desatá-la,
Mas outra ainda oprimia
Seu peito. Sôfrega,
Ela também a despedaçou.
Ainda outra apareceu:
De dia se formou,
Mas à noite se rompeu.

3. Precipitando-se sobre as rochas
Como uma corrente de ferro;
Um a um, os elos se encadearam.

4. Carregaram Orc para os penhascos.
Enitharmon caiu em prantos!
Encadearam seus membros às rochas
Com os pesados Grilhões da Inveja

Sob a sombra mortal de Urizen.

5. Então os mortos ouviram a voz do menino
E começaram a despertar do sono;
Todos escutaram a voz da criança
E foram acordando para a vida.

6. Urizen, ávido & faminto,
Inebriado com os perfumes da Natureza
Explorou as grutas da redondeza.

7. Engendrou um fio & um prumo
Para perscrutar o fundo Abismo;
Criou uma regra para dividir.

8. Inventou balanças para pesar,
Séries de pesos maciços,
Um sextante de chumbo,
Bússolas de ouro,
Começou a explorar o Abismo,
Plantou um frutífero pomar.

9. Mas Los ocultou Enitharmon,
Com as flamas da Profecia,
Do olhar de Urizen e Orc.

10. E ela gerou uma enorme raça.

Capítulo VIII

1. Urizen sondou suas grutas,
Montes, pântanos & desertos,
Alumiando com um globo de fogo.
A viagem terrível e atormentado
Por cruéis atrocidades & formas
De vida em suas desoladas cordilheiras.

2. Seu mundo gerava contínuas aberrações;
Bizarras, incrédulas e adadoras
Fragmentos de vida, miragens
De pés, mãos ou cabeças,
De corações ou olhos. Pérfidos terrores,
Rondavam deliciando-se no sangue.

3. E Urizen, enojado, viu eclodir
Nas montanhas, suas eternas criações,
Filhos & filhas do pesar
Em prantos! Primeiro Thirel apareceu,
Surpreso com sua própria existência,
Qual ser surgido da nuvem & Utha,
Das águas arfante emergiu.
Godna rasgou a face da terra gritando
E seus imensos céus estilhaçaram-se

Como os solos sob o sol; Então Fuzon
Irrompeu rápido como a flama
Primeiro concebido e último a nascer.
Da mesma forma que seus filhos eternos,
Suas filhas nasceram das verdejantes ervas,
Do gado, monstros & vermes abissais.

4. Prisioneiro das trevas, sua raça observou,
E sua alma adoeceu; Amaldiçoou
Seus filhos & filhas pois constatou
Que nem a Carne ou o Espírito seguiam,
Por um instante sequer, suas férreas leis.

5. Pois notou que a vida nutria-se de morte:
O Boi geme no matadouro,
O Cão no frio umbral.
Em prantos chorou & isto denominou Piedade,
E suas lágrimas aos ventos espargiram-se.

6. Gélido, errou pelos cimos de suas aldeias,
Entre prantos, dores & decepções;
E por onde quer que vagasse,
Pelos estratos feéricos dos céus,
Uma sombra o perseguia,
Qual teia de aranha úmida e fria,
Saindo de sua alma cheia de mágoa,
E o céu qual cárcere dividindo,

Por onde os passos de Urizen
Caminharam sobre as tristes cidades;

7. Até que a Teia fria & escura alastrou-se
Enredando os tormentados elementos,
Surgidos do pranto de Urizen;
Esta Rede era um Embrião de Mulher
E ninguém conseguia desatar a Teia,
Nem mesmo as flamejantes asas.

8. Bem amarrados estavam os fios,
Bem entrelaçadas as tramas,
Tecidas como se fossem feitas
Para o cérebro dos homens.

9. E todos a chamaram:
“Rede da Religião”.

Capítulo IX

1. Então os habitantes daquelas Cidades
Sentiram um calafrio na espinha,
E seus ossos começaram a enrijecer
Entre males súbitos & tormentos,
Temores & dores contundentes;
Seguiram pelas encostas até que esvaídos,
Seus Sentidos se atrofiaram,
Sob a negra trama da peste.

2. Com as pupilas veladas e embotadas,
Não mais distinguiam a rede da hipocrisia,
E o lodo carnoso de seus céus turvados
Em suas percepções atrofiadas
Revelava-se como um ar cristalino
Pois seus olhos se haviam tornado
Minúsculos como o dos homens,
E eles acabaram por ser transformados
Em míseros répteis de sete pés de estatura.

3. Por seis dias alhearam-se da existência
E no sétimo descansaram,
Saudando o dia com tênues esperanças,

Esquecendo suas vidas eternas.

4. E suas trinta cidades foram divididas
Na forma de corações humanos.
Impossibilitados de alçarem-se à vontade,
No infinito abissal do espaço. Aprisionados
Na terra por seus sentidos contraídos,
Viveram mais alguns anos;
Relegando seus ruidosos corpos
Às mandíbulas feéricas das vorazes trevas.

5. E seus filhos em prantos erigiram
Túmulos em desoladas paragens,
Criando Códigos de Prudência e as chamaram
“Eternas Leis de Deus”.

6. Fuzon convocou então
Os filhos restantes de Urizen
E juntos, a terra oscilante abandonaram.
Denominaram-se Egito e se foram.

7. E os demais filhos de Urizen
Sucumbiam com seus irmãos
Nos ardis da Rede de Urizen;
Mas sua persuasão foi em vão;
Pois os ouvidos dos habitantes
Haviam tornado-se estreitos & surdos & frios

E seus olhos não mais reconheciam
Seus irmãos das outras cidades.

8. E Fuzon convocou então
Os filhos restantes de Urizen
E a terra oscilante abandonaram
Denominaram-na Egito & se foram.

9. E vastas Vagas salgadas o globo envolveu.

AMÉRICA

(1793)

Fragmentos

O Poema “América”, que retrata a Guerra de Independência Americana, cuja descrição apocalíptica poderá hoje parecer-nos a antevisão profética de uma explosão nuclear, pertence ao ciclo de poemas revolucionários escritos por Blake. Deste ciclo fazem parte outros poemas como “Europa” e “A Revolução Francesa”.

O Espírito visionário e rebelde de Blake o identificará sempre às forças libertárias, esta energia poderosa & solene que, como um turbilhão de fogo, assolará eternamente a opressão. Esta força transmutadora é no poema “América” representada por Orc, o Guardião do Eterno Fluxo, cujos fogos alastrar-se-ão através da América e Inglaterra.

A.M.

América

(fragmentos)

Washington, Franklin, Paine & Warren, Allen, Gates & Lee,

Envoltos pelas ardentes flamas vislumbraram as terríveis hordas que dos céus surgiam.

Escutaram o brado retroante do Anjo de Albion,
E a peste sob as suas ordens emergiu das nuvens,
Precipitando-se sobre a América como uma tenebrosa tormenta.

Como a peste que ceifa os milhares recém-surgidos.
Sombrio estava o céu & inóspita a terra;
Assim como os gafanhotos que devastam os campos,
Assim como as vagas do maremoto que varrem as costas,

A Fúria! A Ira! A Loucura, como um furacão assolaram a América.

E as rubras flamas de Orc rugiram feéricas entre as praias, e a multidão tumultuada.

Os cidadãos de Nova York fecharam seus livros & trancaram seus cofres;

Os marinheiros de Boston ancoraram seus barcos e os descarregaram.

O escrivão da Pensilvânia arrojou sua pena ao chão

E o pedreiro da Virgínia, apavorado, atirou ao longe seu martelo.

A América já sem esperanças foi bruscamente tragada pelo Atlântico,

E a terra perdeu mais uma porção de Infinito;

Coléricas, as hordas precipitaram-se em meio à noite.

Enfureciam as purpúreas flamas! A peste retrocedia para irada investir-se

Contra os Anjos de Albion: Logo a Pestilência alastrou suas rubras estrias,

Nos membros dos Guardiões de Albion. A praga atingiu o Espírito de Bristol

E a lepra o Espírito de Londres deixando caídas suas legiões.

As multidões em delírio gritavam desesperadamente, despojando-se de suas armaduras forjadas,

Desnudas, ao chão arremessavam suas espadas & lanças.

O Guardião de Albion contorcia-se nos céus do este,
Pálido, volvendo para cima seus luminosos olhos,
rangendo os dentes,

Trêmulo & uivante agitava as pernas fremendo cada músculo e tendão.

Jaziam sobre a neve o Guardião de Londres e o venerável Mitrado de York,

Suas fronteiras sobre os montes nevados e suas insígnias desfaleciam aos ventos.

A peste alastrava-se velozmente pelas ígneas correntezas conduzidas pelas flamas de Orc

E pelas hordas de ferozes americanos que corriam impetuosamente pela noite,

Até os Guardiões da Irlanda, Escócia & Gales.

Atormentados pela Peste, abandonaram suas fronteiras e estandartes calcinados

Pelos fogos infernais, detratavam os céus ancestrais com vergonha & dor.

Nos recônditos meandros de suas grutas, tomado pela peste, escondia-se o Bardo de Albion.

Um capuz carnosu cobriu-lhe o rosto & terríveis escamas alastraram-se por suas costas;

Encobertos pelas negras escamas, seus Anjos assolaram os céus ancestrais.

Abriram-se então os portais do casamento, e os
Sacerdotes protegidos com suas crepitantes escamas,
Correm às tocas, escaparam rapidamente das
chamas de Orc,
Que em redemoinhos giravam ao redor das
abóbadas douradas qual turbilhantes anéis de fogo de
desejo,
Desnudando as fêmeas, e abrasando-as com os
ardores juvenis.

Pois os espíritos femininos dos mortos,
languidescendo nos laços da religião,
Reanimaram-se & libertaram-se dos pesados grilhões
& suspensas em imensos arcos,
Sentiam ressurgir os ardores juvenis e os ardores dos
tempos antigos,
Nos seus lívidos membros qual videiras ao surgir das
tenras uvas.

Pelas cidades, vales e montes, ardiam as rubras
flamas:

Derretiam-se os céus de norte a sul; e Urizen,
sentado

Entre trovões, pairando sobre os céus, erguia sua
cabeça coberta

Pelas chagas da lepra,
De sua sagrada ermida. E suas lágrimas
precipitavam-se torrenciais,

Sobre os vórtices do sublime abismo, cobertas por
neves cinzentas

E faces trovejantes; Suas asas debatiam-se sobre o
abismo;

Uivante em prantos, arrojou-se uivante e sombrio,
Contra as hordas derrotadas, plenas de lágrimas &
trêmulas de frio.

MILTON

(1804-1808)

Fragmentos

*“Se as portas da percepção se purificassem, cada coisa
apareceria ao homem tal como é, infinita.”*

William Blake

Em “Milton”, o Espírito deste grande poeta regressa à terra para cumprir sua verdadeira missão poética, e então aproxima-se de Blake, a fim de inspirá-lo.

Neste poema, o Cosmos configura-se como um Éden central, ao redor do qual encontra-se Beulah, plano onde as almas repousam. Em seguida precipita-se o Abismo, e mais além Ulro, o tenebroso Caos.

A.M.

Milton

Esta é a Natureza do infinito:

Todas as coisas possuem seus próprios Vórtices, e
quando um navegante da Eternidade

Passa este Vórtice, percebe que ele turbilhonante
gira para trás

E torna-se uma esfera que se engloba a si mesma
como o sol, a lua, ou como um firmamento de constelada
magnitude

Entretanto prossegue em sua maravilhosa trajetória
pela terra,

Ou como forma humana, um amigo com o qual
conviveu-se benevolmente.

O olho humano, seu Vórtice abarcando, vislumbra o
leste & o oeste

O norte & o sul, com suas vastas legiões de estrelas

O sol surgente e a lua no fulcro do horizonte

Os seus milharais e vales de quinhentos alqueires

A terra é uma planura infindável, e não como
aparece

Ao ignóbil transeunte confinado às sombras da lua.

O céu é um Vórtice já há muito transpassado;

A terra, um Vórtice ainda intocado pelos navegantes
da Eternidade.

.....

E os quatro estados da tranquila Humanidade em seu
Repouso

Foram-lhe então mostrados. Primeiro o de Beulah, o
gostoso Sono

Sobre os sedosos leitos ao suave modular das
melodias e das Flores de Beulah

Doces formas Femininas aladas ou flutuantes no
cristal do ar.

O Segundo Estado é Alla & o terceiro Al-Ulro.

Mas o quarto, o fantástico, é denominado Or-Ulro.

O Primeiro localiza-se na Cabeça, o Segundo no
Coração

O Terceiro nos vasos seminais e o Quarto,

No Estômago e Intestinos, terrível, letal e
indescritível.

E aquele, cujos Portais se abrem nessas regiões do
Corpo,

Pode nestes Portais vislumbrar estas deslumbrantes
Imaginações.

Outros Filhos de Los engendram Momentos & Minutos
& Horas

E Dias & Meses & Anos & Eras, deslumbrantes
palácios;

E cada Momento possui um Leito de ouro destinado
ao suave repouso,

(Um Momento equivale à pulsação de uma artéria)

Entre dois Momentos encontra-se uma filha de
Beulah.

Que nutre os que Dormem com cuidados maternos.

Cada minuto detém uma tenda de sedosos Véus
azuis:

E em cada Hora estende-se um Portal de ouro
magistralmente esculpido.

Cada Dia & Noite possui brônzeas Muralhas &
Umbrais de diamante

Que cintilam qual pedras preciosas com signos
ornados.

Em cada Mês ergue-se um alto Terraço de pisos de
prata.

Em cada Ano, imponentes Muralhas de gigantescas
Torres.

Cada Era rodeia um profundo Poço com pontes de
prata & ouro;

E cada período de Sete Eras é circundado por
Iridescentes Flamas.

Sete Eras equivalem a Duzentos anos.

Tudo tem seu Guardião, cada Momento, Minuto,
Hora, Dia, Mês & Ano;

São criações das Mágicas mãos dos quatro
elementos;

Os Guardiões são Anjos da Providência em perpétuo
dever.

Toda fração de Tempo menor que um pulsar de
artéria

Equivale a Seis Mil Anos.

Pois neste Ciclo é criada a obra do Poeta, e nele os
Grandes

Eventos do Tempo se iniciam e são concebidos

No fulcro de um instante, Pulsação arterial.

O céu é uma Tenda Eterna erguida pelos Filhos de
Los;

E o vasto Espaço que o Homem contempla em sua
morada

Na cobertura ou jardim no cimo de uma colina

De vinte e cinco pés de altura, é seu Universo;

Em cujos horizontes o Sol se põe, e as Nuvens
inclinam-se

Tentando alcançar a Terra & o Mar no clariperfeito
Espaço.

Os Firmamentos não se expandem, mas se curvam e
se assentam por todos os lados.

Os Polos abrem suas válvulas douradas;

E se ele abandona sua morada seus céus o
acompanharão

Até onde for, e sua perda, a vizinhança deplora.

Tal é o espaço denominado Terra & tal sua dimensão
Enquanto essa falsa aparência que se apresenta ao
racionalista

Como um Globo rolando através da Vacuidade, é
uma decepção de Ulro.

E disto nem desconfiam o Telescópio ou o
Microscópio;

Alteram os parâmetros dos Órgãos do Espectador,
deixando intocados os objetos;

Pois cada Espaço maior que um Glóbulo vermelho de
sangue Humano

É visionário e foi pelo martelo de Los criado.

E cada espaço menor que um Glóbulo de sangue
estende-se

Às larguras da Eternidade, da qual esta terra Vegetal
não é senão a mera imagem.

O Glóbulo vermelho é o insondável Sol por Los
criado,

Para mensurar o Tempo & o Espaço aos Mortais a
cada manhã.

JERUSALÉM

(1804-1820)

Fragmento

Em “Jerusalém, a Emissão do Gigante Albion” (seu título original), William Blake nos apresenta duas entidades centrais: o gigante Albion, filho de Netuno, que personifica a Inglaterra, seu passado, presente & futuro; e Los, o espírito poético que o ampara fielmente. A inspiração poética e divina de Los despertará Albion de seu sono profundo. Blake em “Jerusalém” sugere que apenas a inspiração poética poderá conduzir-nos à vida eterna e não a cega submissão a meros preceitos de cunho religioso.

A.M.

Jerusalém

Quando foi-me ditado este verso, notei que uma Cadência Monótona, como a utilizada por Milton, Shakespeare e por todos os cultores do Verso Branco Inglês, derivada da moderna submissão à Rima, não era somente necessária, como também constituía-se em parte indispensável ao Verso. Porém, logo acabei por convencer-me que na voz de um autêntico Orador, esta monotonia, além de ineficaz, servia apenas como suporte à própria Rima. Procurei então a variedade em cada linha, nas cadências e nas métricas. Cada palavra e cada letra têm sido até agora estudadas e colocadas em seus devidos lugares; as métricas exaltadas para descrever os trechos exaltados, as calmas e suaves para tudo o que é calmo e suave, e as prosaicas para os trechos inferiores: todas são mutuamente necessárias. A Poesia entravada agrilhoa a humanidade; As Nações florescem ou entram em declínio conforme suas Poesias, Pinturas e Músicas. O Estado Original do Homem era a Sabedoria, a Arte e a Ciência.

POEMAS

(Bilíngue)

To see a world in a grain of sand
And a heaven in a wild flower
Hold infinity in the palm of your hand
And eternity in an hour.

In: The Pickering Manuscript

Num grão de areia ver um mundo
Na flor silvestre a celeste amplidão
Segura o infinito em sua mão
E a eternidade num segundo.

To the morning

O Holy virgin! clad in purest white,
Unlock heav'n's golden gates, and issue forth;
Awake the dawn that sleeps in heaven; let light
Rise from the chambers of tile east, and bring
The honied dew that cometh on waking day.
O radiant morning, salute the sun,
Rous'd like a huntsman to the chace, and, with
Thy buskin'd feet, appear upon our hills.

In: Poetical Sketches

À manhã

Ó sagrada virgem! de alvura adornada
Abre os dourados umbrais do céu e sai;
Desperta a aurora inebriada no azul, deixa a luz
Emergir de sua morada no leste e esparge
O suave orvalho que vem com o novo dia.
Ó luminosa manhã, saúda o sol
Que qual um caçador cedo se levanta
E se alça sobre nossas colinas.

To the evening star

Thou fair hair'd angel of the evening,
Now, whilst the sun rests on the mountains, light
Thy bright torch of love; thy radiant crown
Put on, and smile upon our evening bed!
Smile on our loves, and, while thou drawest the
Blue curtains of the sky, scatter thy silver dew
On every flower that shuts its sweet eyes,
In timely sleep. Let thy west wind sleep on
The lake; speak silence with thy glimmering eyes,
And wash the dusk with silver. Soon, full soon,
Dost thou withdraw; then the wolf rages wide,
And the lion glares thro' the dun forest;
The fleeces of our flocks are cover'd with
Thy sacred dew: protect them with thine influence.

In: Poetical Sketches

À Estrela Vésper

Tu, anjo noturno de alva cabeleira,
Agora, enquanto o sol se inclina sobre a colina, inflama
Teu reluzente lume, coloca a radiante coroa
E sorri sobre o leito da noite!
Sorri sobre nossos encantos enquanto recolhes
As cortinas azuis do céu, esparge teu argênteo orvalho
Sobre cada flor que cerra ao sono seus doces olhos,
Deixa que o vento do oeste adormeça sobre o lago
Fala em silêncio com os teus luminosos olhos
Banha de prata o crepúsculo e de repente
Te retiras enquanto enfurece o lobo,
E o leão o escuro bosque espreita:
Os velos de nossos rebanhos recobriram-se
Com o teu sagrado orvalho;
Protege-os com os teus sutis sortilégios.

To Summer

O Thou, who passest thro' our valleys in
Thy strength, curb thy fierce steeds, allay the heat
That flames from their large nostrils! thou, O Summer,
Oft pitched'st here thy golden tent, and oft
Beneath our oaks hast slept, while we beheld
With joy thy ruddy limbs and flourishing hair.

Beneath our thickest shades we oft have heard
Thy voice, when noon upon his fervid car
Rode o'er the deep of heaven; beside our springs
Sit down, and in our mossy valleys, on
Some bank beside a river clear, throw thy
Silk draperies off, and rush into the stream:
Our valleys lave the Summer in his pride.

Our bards are fam'd who strike the silver wire:
Our youth are bolder than the southern swains:
Our maidens fairer in the sprightly dance:
We lack not songs, nor instruments of joy,
Nor echoes sweet, nor waters clear as heaven,
Nor laurel wreaths against the sultry heat.

Ao Verão

Ó tu, que percorres nossos vales, com
Tua força, detém teus violentos corcéis, amaina as
[flamas

Que se arrojam por suas imensas narinas! Tu, Ó Verão,
Várias vezes aqui erguestes tua tenda dourada, pois
[muito
Temos dormido sob nossos carvalhos, contemplando
Com alegria teus rubros membros e tua opulenta
[cabeleira.

Nas paragens mais sombrias, muitas vezes escutamos
Tua voz, quando o sol sobre seu carro abrasador,
Percorre as profundezas do céu; Na beira de nossas
fontes
Senta-te, e em nossos vales musgosos, à beira
de um cristalino regato, despe tua túnica de
Seda e lança-te à corrente:
Nossos vales veneram o Verão em sua glória.

Nossos bardos, que tangem a corda de prata, são
famosos
Nossa juventude é mais audaz que a do sul

Nossas donzelas são mais vivazes nas danças alegres
Não nos faltam canções ou instrumentos de prazer,
Nem doces ecos, nem águas claras como o céu
Nem coroas de louros frente teu calor sufocante.

To Spring

O thou with dewy locks, who lookest down
Thro' the clear windows of the morning, turn
Thine angel eyes upon our western isle,
Which in full choir hails thy approach, O Spring!

The hills tell each other, and the listening
Valleys hear; all our longing eyes are turned
Up to thy bright pavilions: issue forth,
And let thy holy feet visit our clime.

Come o'er the eastern hills, and let our winds
Kiss thy perfumed garments; let us taste
Thy mom and evening breath; scatter thy pearls
Upon our love-sick land that mourn for thee.

O deck her forth with thy fair fingers; pour
Thy soft kisses on her bosom; and put
Thy golden crown upon her languished head,
Whose modest tresses were bound up for thee!

À Primavera

Ó tu com anéis úmidos de orvalho, que contemplas
Por entre os claros vitrais da manhã, volve
Teus olhos angélicos à nossa ilha ocidental,
Que repleta de coros saúda tua vinda, ó Primavera!

As colinas contam umas às outras, os atentos
Vales escutam, nossos olhos ardentes elevam-se
A teus resplandecentes pavilhões: Vem,
Deixa teus pés sagrados percorrerem nossa terra.

Descobre as colinas do Leste, e deixa nossos ventos
Beijarem tuas perfumadas vestes; Deixa-nos degustar
Teu alento da manhã e da noite; esparge tuas pérolas
Sobre nossa terra carente de amor que por ti chora.

Ó, veste-a com teus dedos encantados; espalha
Teus ternos beijos sobre seu seio; coloca
Tua coroa dourada sobre sua lânguida cabeça,
Cujos cachos modestos foram feitos para ti!

From Milton, Book the Second

Thou Hearest The Nightingale

Thou hearest the Nightingale begin the Song of
[Spring.

The lark sitting upon his earthy bed, just as the morn
Appears, listens silent; then springing from the waving
[Cornfields

He leads the choir of Day: trill, trill, trill,
Mounting upon tile wings of light into the Great
[Expanse

Reechoing against the lovely blue & shining heavenly
[Shell.

De Milton, Livro Segundo

Escuta o rouxinol

Escuta o Rouxinol, que a Canção da Primavera entoa
E a suave Cotovia, no tenro ramo pousada
Que na aurora sibilante surge sobre os ondulantes
[Milharais
Regendo os refulgentes Corais do Sol; trina, trina,
[trina,
Pela Imensa Vastidão deslizando nas asas da luz
Ecoando no azul intenso da Abóbada Celeste.

Laughing song

When the green woods laugh with the voice of joy,
And the dimpling stream runs laughing by;
When the air does laugh with our merry wit,
And the green hill laughs with the noise of it;

When the meadows laugh with lively green,
And the grasshopper laughs in the merry scene,
When Mary and Susan and Emily
With their sweet round mouths sing “Ha, Ha, He!”

When the painted birds laugh in the shade,
Where our table with cherries and nuts is spread,
Come live & be merry, and join with me,
To sing the sweet chorus of “Ha, Ha, He!”

Canção sorridente

Quando riem os bosques à voz da alegria
E rindo correm os riachos na pradaria
Quando ri o ar ao nosso bom humor
A verde colina junto a ele ri com fervor.

Quando riem os campos no verde brilhante
E ri o grilo na paisagem contente
Quando Mary, Susan e Emily
Com suaves bocas cantam “Há, Há, Hi!”

Quando riem na sombra os pássaros de cores
Onde está nossa mesa com cerejas e sabores
Vem, viva, seja feliz & bem aqui
Canta comigo o “Há, Há, Hi!”

Infant joy

"I have no name:
"I am but two days old."
What shall I call thee?
"I happy am,
"Joy is my name."
Sweet joy befall thee!

Pretty joy!
Sweet joy but two days old,
Sweet joy I call thee:
Thou dost smile,
I sing the while,
Sweet joy befall thee!

Alegria do menino

“Não tenho nome:
Tenho só dois dias de vida”
Como vamos te chamar?
“Sou feliz,
Alegria é meu nome.”
Que tenha doces alegrias!

Bela alegria!
Doce gozo eu te chamo,
Doce gozo de dois dias:
Sorris tanto,
Enquanto canto,
Que tenhas doces alegrias!

Night

The sun descending in the west,
The evening star does shine;
The birds are silent in their nest,
And I must seek for mine.
The moon like a flower
In heaven's high bower,
With silent delight
Sits and smiles on the night

In: Songs of Innocence

Noite

Declina o sol,
Levita a d'alva;
Silentes os pássaros
Nos ninhos,
Busco o meu.
E a lua em flor
No alto zênite,
Se assenta
E sorri na noite.

Thel's motto

Does the eagle know what is the pit?
Or wilt thou go ask the Mole?
Can Wisdom be put in a silver rod?
Or Love in a golden bowl?

In: Book of Thel

Insígnia de Thel

Conhece a águia o profundo abismo?

Ou lhe perguntará sobre a Toupeira?

Coloca-se a Sabedoria num cetro de prata?

Ou o Amor num cálice dourado?

Ah! Sun-flower!

Ah, Sun-flower! weary of time,
Who countest the steps of the Sun,
Seeking after that sweet golden clime
Where the traveller's journey is done.

In: Songs of Experience

Ah, girassol!

Ah, girassol! giras no tédio do tempo
Do sol contando os passos
Buscas o dourado e doce campo
Luminoso rumo dos peregrinos.

The lilly

The modest Rose puts forth a thorn,
The humble Sheep a threat'ning horn;
While the Lilly white shall in Love delight,
Nor a thorn, nor a threat, stain her beauty bright

In: Songs of Experience

O lírio

A Rosa modesta eriçou um espinho,
A humilde Ovelha um chifre ameaçador;
E o Lírio branco num deleite de Carinho,
Nem espinho ou ameaça, mas a luz e o esplendor.

The sick rose

O Rose, thou art sick!
The invisible worm
That flies in the night,
In the howling storm,

Has found out thy bed
Of crimson joy,
And his dark secret love
Does thy life destroy.

A Rosa doente

Oh, Rosa! Estás doente:
O verme invisível
Que voa pela noite displicente
Na tempestade terrível,

Teu leito descobriu
De gozo carmesim,
E seu amor, secreto e sombrio
Te consome a vida enfim.

Songs of Innocence - Introduction

Piping down the valleys wild,
Piping songs of pleasant glee,
On a cloud I saw a child,
And he laughing said to me:

“Pipe a song about a Lamb!”
So I piped with merry cheer.
“Piper, pipe that song again;”
So I piped: he wept to hear.

“Drop thy pipe, thy happy pipe;
“Sing thy songs of happy cheer:”
So I sung the same again,
While he wept with joy to hear.

“Piper, sit thee down and write
“In a book, that all may read.”
So he vanish’d from my sight,
And I pluck’d a hollow reed,

And I made a rural pen,
And I stain’d the water clear,
And I wrote my happy songs

Every child may joy to hear.

Canções da Inocência - Introdução

Pelos vales entoando a sorrir
A suave e feliz melodia
Numa nuvem um menino vi surgir
Que falando alegremente me pedia:

Toca a canção do Cordeiro!
A toquei com alegria e encanto
Toca outra vez, toca ligeiro!
Toquei: E não conteve o pranto.

“Deixa tua gaita contente,
Canções felizes irradia”.
Toquei de novo pungente
Ele chorou de alegria.

“Gaiteiro, senta e escreve
O que todos possam entender”
Ele sumiu ligeiro e leve;
E um tênue ramo fui colher,

Uma rústica pena construí
Com água clara fui grafar;
Canções felizes escrevi

Que toda criança possa escutar.

Introduction of Songs of Experience

Hear the voice of the Bard!
Who Present, Past & Future, sees;
Whose ears have heard
The Holy Word
That walk'd among ancient trees,

“Turn away no more;
Why wilt thou turn away?
The starry floor,
The wat'ry shore,
Is giv'n thee till the break of day.”

In: Songs of Experience

Introdução de Canções da Experiência (fragmento)

Ouçã a voz do Bardo!
Que vislumbra as Imagens;
E cujos ouvidos têm escutado
O Verbo Sagrado
Pelas remotas paragens,

“Não mais se afasta;
E por que se afastaria?
O chão estrelado
A imensa costa
São seus até romper o dia.”

The voice of ancient bard

Youth of delight, come hither,
And see the opening morn,
Image of truth new born
Doubt is fled, & clouds of reason,
Dark disputes & artful teasing.
Folly is an endless maze,
Tangled roots perplex her ways.
How many have fallen there!
They stumble all night over bones of the dead,
And feel they know not what but care,
And wish to lead others, when they should be led.

In: Songs of Experience

A voz do velho bardo

Alegre Juventude, vem cá,
E contempla o amanhecer,
Imagem da verdade recém-criada,
Dissiparam-se as dúvidas e as névoas da razão,
As árduas disputas e os terríveis tormentos.
A insensatez é um interminável labirinto,
De emaranhadas raízes que embaraçam os caminhos.
Quantos ali já tombaram!
Eles tropeçam todas as noites nos ossos dos mortos,
E sabem que ignoram a tudo a não ser o medo,
E querem guiar, quando na verdade deveriam ser
[guiados.

London

I wandered through each chartered street
Near where the chartered Thames does flow,
And mark in every face I meet
Marks of weakness, marks of woe.

In every cry of every Man
In every Infants cry of fear,
In every voice, in every ban,
The mind-forged manacles I hear.

How the Chimney-sweepers cry
Every blackning Church appals;
And the hapless Soldiers sight
Runs in blood down Palace walls.

But most through midnight streets I hear
How the youthful Harlots curse
Blasts the new-born Infants tear,
And blights with plagues the Marriage hearse.

In: Songs of Experience

Londres

No Reino por cada rua vaguei
Rondei o Tâmis fluente
E em cada face notei
Sinais da dor contundente

Em cada homem um grito atroz
Em cada criança um silvo arrepiante
Em cada negação, em cada voz
Os grilhões que forjou nossa mente

O lamento do mísero criado
Consterna as igrejas sombrias
E as lágrimas do infeliz soldado
Como sangue escorrem pelas lajes frias

Mas à meia-noite escuto na praça
As ameaças da Jovem Meretriz
Que o destino da criança desgraça
E o Cortejo Nupcial maldiz.

The chimney sweeper

A little black thing among the snow,
Crying “weep! weep!” in notes of woe!
“Where are thy father & mother? say?
“They are both gone up to the church to pray.

“Because I was happy upon the heath,
“And smiled among the winter’s snow,
“They clothed me in the clothes of death,
“And taught me to sing the notes of woe.

“And because I am happy & dance & sing,
“They think they have done me no injury,
“And are gone to praise God & his Priest & King,
“Who make up a heaven of our misery.”

O limpador de chaminés

Na neve há um negro e pequeno limpador
Gritando: Pranto! Pranto! Em notas de dor
Diga: Teus pais, onde foram parar?
Foram bem cedo à igreja rezar.

Pois sobre a terra estava minha sorte,
E entre a neve cantava com fervor,
Me vestiram com os trajes da morte,
Me ensinaram cantar as notas de dor.

Porque sou feliz & danço a cantar,
Pensam que nenhum mal me fizeram,
Seu Deus & Padre & Rei foram louvar,
Paraísos de nossa miséria tramaram.

The little vagabond

Dear Mother, dear Mother, the Church is cold,
But the Ale-house is healthy & pleasant & warm;
Besides I can tell where I am used well,
Such usage in Heaven will never do well.

But if at the Church they would give us some Ale,
And a pleasant fire our souls to regale,
We'd sing and we'd pray all the live-long day,
Not ever once wish from the Church to stray.

Then the Parson might preach, & drink, & sing,
And we'd be as happy as birds in the spring;
And modest Dame Lurch, who is always at Church,
Would not have bandy children, nor fasting, nor
[birch.

And God, like a father rejoicing to see
His children as pleasant and happy as he,
Would have no more quarrel with the Devil or the
[Barrel,
But kiss him, & give him both drink and apparel.

O pequeno vagabundo

Querida Mãe, Querida Mãe, a igreja é fria
Mas a taverna é saudável, agradável & quente;
E posso dizer que lá me tratam bem.

Pois nem no céu passaria tão bem.
Mas se na Igreja Cerveja pudessem dar
E um bom fogo a nossas almas regalar,
Por todo o dia rezaríamos & cantaríamos,
E da Igreja jamais nos afastaríamos.

Então o Pastor poderia pregar & beber & cantar
Seríamos tão felizes qual aves primaveris a voar,
E a Senhora Bebedeira, sempre na Igreja em oração,
Não teria filhos franzinos, nem jejum ou punição.

E Deus como um pai que se regozija em ver
Seus filhos como ele, amáveis e felizes a valer,
Não teria mais querelas com o Diabo e o Barril,
Mas lhe daria vestes, bebida & beijos mil.

Mad song

The wild winds weep,
And the night is a-cold;
Come hither, Sleep,
And my griefs unfold:
But lo! the morning peeps
Over the eastern steeps,
And the rustling birds of dawn
The earth do scorn.

Lo! to the vault
Of paved heaven,
With sorrow fraught
My notes are driven:
They strike the ear of night,
Make weep the eyes of day;
They make mad the roaring winds,
And with tempests play.

Like a fiend in a cloud,
With howling woe,
After night I do croud,
And with night will go;
I turn my back to the east,

From whence comforts have increas'd;
For light doth seize my brain
With frantic pain.

In: Poetical Sketches

Canção louca

O vento selvagem chora,
E a noite é tão fria;
Ó sono, vem sem demora,
E abraça minha agonia;
Mas olha! Chega a manhã
Ao leste sobre a montanha,
E os pássaros cantores da aurora
A terra desdenham agora.

Olha! Pelas alturas
Do céu azuladas,
Cheias de desventuras
Minhas notas são levadas:
Batem nos ouvidos das noites escuras,
Os olhos dos dias lacrimejam
Enlouquecem os ventos que rugem,
E com as tormentas pelejam.

Qual demônio esvoaçante
Que na nuvem, uiva e chora,
Persigo a noite neste instante,
E com a noite vou embora;
Darei as costas ao nascente,

Onde o consolo é crescente;
Pois a luz agarra minha mente
Com uma dor lancinante.

The Tyger

Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night,
What immortal hand or eye
Could frame thy fearful symmetry?

In what distant deeps or skies
Burnt the fire of thine eyes?
On what wings dare he aspire?
What the hand dare seize the fire?

And what shoulder, & what art,
Could twist the sinews of thy heart?
And when thy heart began to beat,
What dread hand? & what dread feet?

What the hammer? what the chain?
In what furnace was thy brain?
What the anvil? what dread grasp
Dare its deadly terrors clasp?

When the stars threw down their spears,
And watered heaven with their tears,
Did he smile his work to see?

Did he who made the Lamb make thee?

O tigre[1]

Tigre! Tigre! Luz brilhante
Nas florestas da noite,
Que olho ou mão imortal ousaria
Criar tua terrível simetria?

Em que céus ou abismos,
Flamejou o fogo de teus olhos?
Sobre que asas ousou se alçar?
Que mão ousou esse fogo tomar?

E que ombro & que saber,
Foram as fibras de teu coração torcer?
E o primeiro pulso de teu coração
Que pé ou terrível mão?

Que martelo, que corrente?
Que forno forjou tua mente?
Que bigorna? Que punho magistral
Captou teu terror mortal?

Quando os astros arrojam seus raios,
Cobrindo de lágrimas os céus.
Sorriu ao sua obra contemplar?

Quem te criou, o Cordeiro foi criar?

[1] Tradução Alberto Marsicano e John Milton

Jerusalem

Bring me by Bow of burning gold:
Bring me my Arrows of desire:
Bring me my Spear: O Clouds unfold!
Bring me my Chariot of fire.

I will not cease from Mental Fight
Nor shall my Sword sleep in my hand
Till we have built Jerusalem
In England's green & pleasant Land.

In: Milton

Jerusalém

Trazei-me o Arco de ouro flamejante:

Trazei-me as Setas do desejo:

Trazei-me a Lança: Nuvens abri-vos!

Trazei-me a Carruagem de fogo.

Não cessará minha Empresa,

Nem dormirá minha Espada

Até Jerusalém ser edificada

Na verdejante Terra inglesa.

Cronologia

- 1757** – Nascimento em Londres, a 28 de novembro.
- 1767** – Recebe aulas de desenho com o mestre Henry Parr.
- 1768** – Escreve suas primeiras composições, que integrarão os “Poetical Sketches” (Esboços Poéticos).
- 1772** – Inicia-se na arte da gravura com James Basire.
- 1773** – Realiza a sua primeira gravura.
- 1774** – Seus trabalhos executados na Westminster Abbey obtêm uma considerável repercussão.
- 1775** – Eclode a Guerra da Independência Americana, que inspirará o poema “América”.
- 1780** – Expõe sua primeira aquarela na Royal Academy.
- 1782** – Casa-se com Catherine Boucher a 18 de agosto.
- 1784** – Abre um atelier de gravura juntamente com James Parker; expõe novamente na Royal Academy.
- 1788/9** – Prepara “All Religions are One” (Todas as Religiões são Uma).
- 1788** – Associa-se e frequenta a Swedenborginian Society.
- 1789** – Grava “The Book of Thel” (O Livro de Thel) e “Songs of Innocence” (Canções da Inocência).

1790 – Começa a escrever “The Marriage of Heaven and Hell”. (O casamento do céu e do inferno.)

1791 – Escreve a primeira parte de “The French Revolution” (A Revolução Francesa).

1792 – Termina “The Marriage of Heaven and Hell.”

1793 – Finaliza “The Gates of Paradise” (Os Portais do Paraíso) e “América”.

1794 – Imprime “Songs of Innocence and Experience”; escreve o *The First Book of Urizen* (O Primeiro Livro de Urizen).

1795 – Escreve *Songs of Los* (Canções de Los) e *The Book of Los* (O Livro de Los).

1796 – Começa as gravuras para “Night Thoughts” (Meditações Noturnas) de Young.

1800 – Deixa Londres e parte para Felpham, no condado de Sussex, onde passa a residir num *cottage*.

1803 – A Inglaterra entra em guerra com a França, e uma onda de patriotismo varre o país. Blake é acusado judicialmente por agredir um soldado e proferir palavras injuriosas.

1804 – Blake é absolvido da acusação e continua a ilustrar os livros *Milton* e *Jerusalem*.

1808 – Termina o *Milton*. Suas gravuras que ilustram o *The Grave* de Blair são criticadas por Robert Hunt no *The Examiner*.

1809 – Expõe seus “Canterbury Pilgrims”, recebendo calorosa repercussão, embora sendo alvo de novas críticas do *The Examiner*.

1810/12 – Prepara “Jerusalem” e modifica o título de “Vala” para “The Four Zoas” (Os Quatro Zoas).

1812 – Imprime o prólogo para *The Canterbury Tales* e expõe trabalhos na Associação dos Aquarelistas.

1815 – Paz com a França, Napoleão é derrotado. O poeta então atravessa um período de grave crise financeira, sobrevivendo graças às gravuras feitas para o catálogo das porcelanas Wedgwood.

1818 – Termina “Jerusalem” e imprime “The Gates of Paradise”.

1822 – A Royal Academy faz-lhe uma doação de 25 libras.

1824 – Ilustra o “Pilgrim’s Progress”. Morre seu irmão James.

1825 – Completa seus trabalhos para “Job” e inicia as ilustrações de *Dante*.

1827 – Começa a imprimir *Dante*. Morre a 12 de agosto.

Os tradutores

ALBERTO MARSICANO, graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é autor de *Jim Morrison por ele mesmo* (Martin Claret) e *Rimbaud por ele mesmo* (Martin Claret), entre outros, e das traduções *Trilha estreita ao confim*, de Bashô (Iluminuras), *Nas invisíveis asas da poesia*, antologia poética de John Keats (Iluminuras) e *Sijô - poesiacanto coreana clássica* (Iluminuras).

JOHN MILTON, nascido em Birmigham, Inglaterra, é professor de Literatura Inglesa e Tradução na Universidade de São Paulo e autor de *O poder da tradução* (Ars Poética). Traduziu com Alberto Marsicano a antologia do poeta John Keats *Nas invisíveis asas da poesia* (Iluminuras). Organizou *Modern poetry in translation n. 6* (King's College, London, 1994), volume dedicado à tradução da poesia brasileira.

WILLIAM BLAKE (1757-1827)

William Blake (1757-1827) é uma das grandes vozes da poesia inglesa do século XVIII. Além de escritor, foi também pintor, impressor e um dos mais importantes gravadores da história da Inglaterra. Nasceu em Londres, onde morou praticamente por toda a vida. Sua obra não pode ser dissociada de uma aura mística e religiosa. Aos quatro anos apareceram as primeiras manifestações espirituais, fato marcado pela visão que teve da presença de Deus na sua janela.

Aos dez anos foi enviado à escola de desenho e aos catorze tornou-se aprendiz do famoso gravador James Basire. Ainda na adolescência, começou a escrever poesia. Em 1782, se casou com Catherine Sophia Boucher e ensinou-lhe a ler e a escrever. O casal – que não teve filhos – trabalhou em conjunto na publicação dos poemas de Blake desde o lançamento da primeira coletânea, *Poetical Sketches*, de 1783. O poeta ilustrou textos próprios e de outros autores com suas detalhadas gravuras. Notabilizou-se pelos belíssimos desenhos para a *Divina comédia*, de Dante, nos quais trabalhou até os últimos dias de vida.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título do original: *The Marriage of Heaven and Hell*

Tradução: Alberto Marsicano

Revisão poética: John Milton

Capa: Projeto gráfico de Néktar Design

Ilustração da capa: “He Cast Him into the Bottomless Pit and Shut Him Up” (1800). Aquarela sobre papel de William Blake. (Fogg Art Museum, Harvard University, Cambridge, Massachusetts.)

Revisão: Larissa Roso

B636c

Blake, William, 1757-1827.

O casamento do céu e do inferno e outros escritos / William Blake; tradução de Alberto Marsicano. – Porto Alegre: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET PLUS; v. 452)

Nota: Contém poemas bilíngues: inglês-português, da p.85-131.

ISBN 978.85.254.2440-2

1.Literatura inglesa-poesias. Literatura inglesa-provérbios. I.Título. II.Série.

CDU 821.111.1

821.1111-84

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329

© da tradução, L&PM Editores, 2005.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM
Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - Floresta - 90.220-
180

Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225.5777 - Fax:
51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Sobre a tradução](#)

[O casamento do Céu e do Inferno](#)

[O Argumento](#)

[A Voz do Demônio](#)

[Uma Visão Memorável](#)

[Provérbios do Inferno](#)

[Uma Visão Memorável](#)

[Uma Visão Memorável](#)

[Uma Visão Memorável](#)

[Uma Visão Memorável](#)

[Uma canção de liberdade](#)

[O livro de Urizen](#)

[Prelúdio](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo IV. a](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[América](#)

[América](#)

[Milton](#)

[Milton](#)

Jerusalém

Jerusalém

Poemas

To the morning

À manhã

To the evening star

À Estrela Vésper

To Summer

Ao Verão

To Spring

À Primavera

From Milton, Book the Second

De Milton, Livro Segundo

Laughing song

Canção sorridente

Infant joy

Alegria do menino

Night

Noite

Thel's motto

Insígnia de Thel

Ah! Sun-flower!

Ah, girassol!

The lilly

O lírio

The sick rose

A Rosa doente

Songs of Innocence – Introduction

Canções da Inocência – Introdução

Introduction of Songs of Experience

Introdução de Canções da Experiência
(fragmento).

[The voice of ancient bard](#)

[A voz do velho bardo](#)

[London](#)

[Londres](#)

[The chimney sweeper](#)

[O limpador de chaminés](#)

[The little vagabond](#)

[O pequeno vagabundo](#)

[Mad song](#)

[Canção louca](#)

[The Tyger](#)

[O tigre](#)

[Jerusalem](#)

[Jerusalém](#)

[Cronologia](#)

[Os tradutores](#)

[Sobre o autor](#)